

ARTIGO

FATORES DE ATRATIVIDADE DO ISLÃ E SUAS IMPLICAÇÕES PARA UMA ABORDAGEM MISSIONÁRIA CRISTÃ:

uma reflexão sobre fidelidade bíblica e sensibilidade cultural

FACTORS CONTRIBUTING TO THE APPEAL OF ISLAM AND THEIR IMPLICATIONS FOR A CHRISTIAN MISSIONARY APPROACH: a reflection on biblical faithfulness and cultural sensitivity

Daniel da Cruz Moulié Corrêa¹

RESUMO: A compreensão dos fatores que tornam o Islã significativo para seus adeptos é relevante para a construção de uma abordagem missionária cristã que una fidelidade bíblica e sensibilidade cultural. Este artigo analisa elementos religiosos, comunitários, familiares, identitários, morais e culturais associados à atratividade do Islã, compreendido não apenas como sistema doutrinário, mas como cosmovisão e modo de vida. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, bibliográfica e de caráter descritivo-analítico, com base em produções acadêmicas, teológicas e missiológicas sobre a fé islâmica e o testemunho cristão entre muçulmanos. O estudo aborda os fundamentos do Islã, a disciplina dos cinco pilares, o pertencimento à *ummah*, a continuidade das tradições familiares, a orientação moral e os principais pontos de aproximação e divergência entre cristianismo e Islã. Conclui-se que a prática missionária não deve limitar-se à refutação doutrinária, mas deve articular a centralidade de Jesus Cristo e a integridade do evangelho com relacionamento, hospitalidade, escuta, conhecimento contextual, contextualização criteriosa, discipulado, cuidado integral e respeito à liberdade religiosa.

PALAVRAS-CHAVE: Islã. Missão cristã. Contextualização.

ABSTRACT: Understanding the factors that make Islam meaningful to its adherents is relevant to the development of a Christian missionary approach that combines biblical faithfulness and cultural sensitivity. This article analyzes religious, communal, familial, identity-related, moral, and cultural elements associated with the appeal of Islam, understood not only as a doctrinal system but also as a worldview and a way of life. The study adopts a qualitative, bibliographic, and descriptive-analytical approach, drawing on academic, theological, and missiological literature on Islamic faith and Christian witness among Muslims. It discusses the foundations of Islam, the discipline of the Five Pillars, belonging to the *ummah*, the continuity of family traditions, moral guidance, and the main points of convergence and divergence between Christianity and Islam. The article concludes that missionary practice should not be limited to doctrinal refutation, but should combine the centrality of Jesus Christ and the integrity of the gospel with relationship-building, hospitality, listening, contextual knowledge, careful contextualization, discipleship, holistic care, and respect for religious freedom.

KEYWORDS: Islam. Christian mission. Contextualization.

¹ Mestrando em Teologia com ênfase em Missiologia na FABAPAR – Faculdades Batista do Paraná. Pós-graduado em Engenharia Ambiental pela Universidade Castelo Branco. Bacharel e Licenciado em Química pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e Bacharel em Teologia (livre) pelo Seminário Teológico Batista Carioca. Possui formação em Inteligência e Contrainteligência pela Escola de Inteligência do Exército, e, Geopolítica e Liderança Estratégica pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Missionário da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira e Líder Global de Inteligência Missionária. Brasil. E-mail para contato: daniel.moulie@jmm.org.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-7181-7151>.

INTRODUÇÃO

O Islamismo é considerado uma das grandes religiões monoteístas do mundo. Segundo Hackett (2025a), foi a religião que apresentou o maior crescimento entre os anos de 2010 e 2020, passando a representar 25,6% da população mundial. Além de sua ampla presença global, o Islã manifesta-se em diferentes contextos históricos, sociais e culturais, não podendo ser compreendido como um sistema religioso homogêneo.

Uma análise do Islã deve partir do reconhecimento de que essa religião não constitui um sistema completamente coeso. Há diferentes linhas teológicas e jurídicas, além de expressões sunitas, xiitas e sufistas, influenciadas pelos contextos históricos, culturais e sociais nos quais estão inseridas. Por isso, não é adequado avaliar todos os muçulmanos a partir das práticas de um único país, povo, grupo étnico, movimento político ou grupo radical.

Do mesmo modo, uma avaliação crítica das doutrinas islâmicas não deve ser confundida com hostilidade ou desrespeito aos seus seguidores. As cosmovisões cristã e islâmica apresentam alguns pontos de aproximação, pois afirmam a existência de um Deus criador, reconhecem personagens como Abraão, Moisés e Davi e valorizam práticas como oração, caridade, responsabilidade moral e crença no juízo final. Entretanto, essas aproximações não excluem divergências profundas quanto ao significado atribuído a essas crenças.

A atratividade do Islã não pode ser explicada por um único fator. Para muitos muçulmanos, a religião oferece uma cosmovisão abrangente, capaz de integrar espiritualidade, moralidade, família, vida comunitária e conduta social. O Islã não é percebido apenas como um conjunto de crenças particulares, mas como um modo de vida que orienta as diferentes dimensões da existência.

Por essa razão, a compreensão dos fatores que tornam o Islã significativo para seus adeptos constitui uma etapa importante para a reflexão missionológica cristã. Uma abordagem missionária responsável precisa ultrapassar explicações baseadas exclusivamente em imposição, medo ou desconhecimento, reconhecendo que muitos muçulmanos encontram em sua religião devoção, disciplina, identidade, dignidade, pertencimento comunitário e sentido de vida.

Diante dessa realidade, o presente artigo parte do seguinte problema: de que maneira a compreensão dos fatores de atratividade do Islã pode contribuir para uma abordagem missionária cristã biblicamente fiel e culturalmente sensível? O objetivo geral consiste em analisar de que maneira a compreensão dos fatores religiosos, comunitários, identitários e morais que contribuem para a atratividade do Islã pode orientar uma abordagem missionária cristã biblicamente fiel e culturalmente sensível.

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, bibliográfica e de caráter descritivo-analítico. O estudo examina produções acadêmicas, teológicas e missiológicas relacionadas à fé islâmica, aos fatores que contribuem para sua atratividade e às abordagens cristãs em contextos muçulmanos.

O artigo parte do pressuposto teológico-missiológico de que a sensibilidade cultural não exige a relativização do evangelho, assim como a fidelidade bíblica não autoriza a desconsideração da cultura, da dignidade e da experiência religiosa do interlocutor. Esse pressuposto impede que o artigo caia em dois extremos: i) uma abordagem confrontativa, que confunde fidelidade bíblica com hostilidade cultural; e, ii) uma abordagem relativista, que evita as diferenças teológicas para preservar o diálogo.

A tese do artigo é que uma abordagem missionária cristã entre muçulmanos não deve limitar-se à identificação ou à refutação das divergências doutrinárias entre cristianismo e Islã. É necessário compreender que a adesão ao Islã também se relaciona à disciplina religiosa, ao pertencimento comunitário, à identidade familiar e cultural, à orientação moral e à construção de sentido para a vida. Sustenta-se, portanto, que a compreensão desses fatores pode contribuir para uma prática missionária que preserve a centralidade de Jesus Cristo e a integridade do evangelho, ao mesmo tempo que valorize o relacionamento, a hospitalidade, a escuta, o conhecimento contextual e o respeito à dignidade e à liberdade religiosa do interlocutor.

Para desenvolver essa tese, o artigo está organizado em quatro movimentos principais. Primeiramente, são apresentados os elementos fundamentais do Islã como religião, cosmovisão e modo de vida. Em seguida, são analisados os principais fatores de atratividade da religião. Posteriormente, são examinadas aproximações e divergências relevantes entre cristianismo e Islã. Por fim, são sistematizadas implicações para uma abordagem missionária cristã biblicamente fiel e culturalmente sensível.

O ISLÃ COMO RELIGIÃO, COSMOVISÃO E MODO DE VIDA

Segundo Fries e Zuehl (2022, p. 85), o Islã teve sua origem com o profeta Maomé, também conhecido como Muhammad. Campos Neto (2020, p. 22) apresenta o significado da palavra Islã como “submissão” e explica que todo seguidor do Islamismo, conhecido como muçulmano, deve submeter-se à vontade de Alá.

De acordo com Abdalla (1996, p. 15 apud Fries; Zuehl, 2022, p. 83), os muçulmanos são aqueles que professam a fé islâmica e se compreendem como servos da vontade de Alá. A submissão, portanto, constitui um elemento central da identidade religiosa muçulmana.

Fries e Zuehl (2022, p. 83-85) destacam que Maomé significa “o louvado”. Ele nasceu por volta de 570 d.C. e, aos quarenta anos, teria recebido sua primeira revelação por intermédio do anjo Gabriel. As revelações recebidas por Maomé foram posteriormente registradas no Alcorão.

Para os seguidores do Islamismo, somente Alá é o Deus verdadeiro, e sua vontade é soberana sobre todas as coisas. Os muçulmanos reconhecem personagens e escritos relacionados ao Antigo e ao Novo Testamento, especialmente a Torá e os Evangelhos, mas compreendem o Alcorão como a revelação final de Deus.

O Alcorão constitui o principal guia religioso dos muçulmanos, que creem em sua infalibilidade. Na perspectiva de Mubarak (2014, p. 13), “para os muçulmanos, o Corão é como uma bússola orientadora para suas vidas”. Segundo Fries e Zuehl (2022, p. 85), o Alcorão possui para os muçulmanos uma relevância comparável àquela que a Bíblia possui para os cristãos, estabelecendo, assim, segundo Gamba (2021, p. 43) o fundamento das crenças islâmicas.

A religião islâmica, portanto, não se restringe a uma crença abstrata ou particular. Ela apresenta uma compreensão abrangente da realidade, estabelecendo orientações para a vida espiritual, familiar, comunitária, moral e social. Segundo Gamba (2021, p. 43), a fé islâmica baseia-se no testemunho de fé, na oração, no jejum, na contribuição aos necessitados e na peregrinação a Meca. Fries e Zuehl (2022, p. 88) destacam que todo praticante da fé islâmica possui o dever de observar os cinco pilares.

O primeiro pilar é a *Shahada*, o testemunho de fé. Ela consiste na declaração, realizada com convicção, de que não existe outra divindade além de Alá e de que Maomé é seu mensageiro. O segundo pilar é o *Salat*, que corresponde às orações realizadas cinco vezes ao dia. As orações estabelecem um ritmo cotidiano para a vida religiosa e demonstram que a fé islâmica é vivenciada por meio de práticas regulares.

O terceiro pilar é o jejum realizado durante o mês do *Ramadã*, entendido como um período anual de purificação, disciplina e dedicação religiosa. O quarto pilar é a contribuição aos necessitados, geralmente entendida como uma parcela dos bens ou receitas do muçulmano destinada à assistência e à solidariedade comunitária. O quinto pilar é o *Hajj*, a peregrinação a Meca. O muçulmano que possui condições físicas e financeiras deve realizar a peregrinação pelo menos uma vez durante a vida.

O medo do castigo e a busca por uma vida piedosa contribuem para que os seguidores da fé islâmica observem esses pilares. A peregrinação a Meca pode não ser cumprida por todos devido às limitações financeiras, embora muitos muçulmanos se esforcem durante anos para reunir os recursos necessários. Os cinco pilares oferecem disciplina, regularidade e visibilidade à vida

religiosa. Por meio deles, a fé islâmica é incorporada ao cotidiano e vivenciada tanto individualmente quanto em comunidade.

Após a morte de Maomé, surgiu uma divergência a respeito de sua sucessão, contribuindo para a formação das tradições sunita e xiita. Essas tradições desenvolveram diferentes compreensões religiosas, jurídicas e políticas ao longo da história. A diversidade islâmica, entretanto, não se limita às diferenças entre sunitas e xiitas. Há também distintas escolas jurídicas, movimentos teológicos, expressões místicas e formas culturalmente contextualizadas da religião.

Dias (2021, p. 95) afirma que a cultura islâmica é vivenciada de acordo com o contexto histórico e social no qual se encontra inserida. O autor destaca, porém, algumas características recorrentes, como a observância das tradições religiosas, a cooperação entre os seguidores e a organização das relações familiares e comunitárias.

Mubarak (2014, p. 6-8) destaca que muitas pessoas confundem conceitos relacionados ao Islamismo, especialmente os termos muçulmano, árabe e turco. Muçulmano é aquele que professa e pratica a fé islâmica, enquanto árabe é uma designação étnica, linguística e cultural relacionada aos povos do mundo árabe.

Como enfatiza Mubarak (2014, p. 7), “nem todo árabe é muçulmano e nem todo muçulmano é árabe”. Fries e Zuehl (2022, p. 85) igualmente ressaltam que nem todo árabe é muçulmano, embora os muçulmanos reconheçam a relevância histórica da Península Arábica em razão da origem de Maomé e da língua do Alcorão.

Turco, por sua vez, é aquele que nasce na Turquia ou possui vínculo com a identidade nacional turca. O que pode haver em comum entre turcos e árabes é a presença da religião islâmica, embora se trate de povos, línguas e contextos históricos distintos. A maior parte dos muçulmanos do mundo não vive no Oriente Médio ou no Norte da África. Hackett (2025b) destaca que apenas uma parcela da população muçulmana mundial encontra-se nessas regiões, estando grande parte concentrada em países asiáticos.

Nigéria, Egito, Paquistão, Índia, Bangladesh e Indonésia estão entre os países que concentram grandes populações muçulmanas. Dias (2021, p. 93) destaca que a Indonésia possui uma das maiores populações islâmicas do mundo em números absolutos.

A religião também pode assumir formas distintas dentro de cada contexto. Dias (2021, p. 96), ao apresentar o contexto muçulmano da Indonésia, identifica formas de sincretismo entre práticas islâmicas e elementos religiosos provenientes de tradições anteriores, particularmente do Hinduísmo. Essa diversidade demonstra que uma abordagem generalizante do Islã é insuficiente. As

formas de crença e prática religiosa são influenciadas pela história, pela cultura, pela organização social e pelo ambiente político de cada país ou comunidade.

FATORES DA ATRATIVIDADE DO ISLÃ

A atratividade do Islã não pode ser explicada por um único fator. Para muitos muçulmanos, a religião oferece uma cosmovisão abrangente, capaz de integrar espiritualidade, moralidade, família, vida comunitária e conduta social. O Islã não é percebido apenas como um conjunto de crenças particulares, mas como um modo de vida que orienta as diferentes dimensões da existência. A religião oferece respostas relacionadas à origem da vida, à vontade de Deus, à conduta humana, à família, à sociedade, à morte e ao destino final.

Sendo assim, neste artigo, a expressão “fatores de atratividade do Islã” refere-se aos elementos religiosos, comunitários, familiares, identitários, morais e culturais que tornam a religião significativa, coerente e digna de continuidade na percepção de seus adeptos. O termo não corresponde a uma avaliação da verdade teológica do Islã, mas à análise das razões pelas quais essa religião oferece orientação, pertencimento e sentido de vida aos seus seguidores. Vale ressaltar que “atratividade” não pode ser entendida, neste artigo, como propaganda, proselitismo ou capacidade de recrutamento.

A clareza de sua afirmação monoteísta constitui um de seus elementos de atratividade. A declaração de que não há outra divindade além de Alá e de que Maomé é seu mensageiro apresenta ao adepto uma confissão direta e de fácil compreensão. Essa confissão não permanece apenas no campo das ideias, mas é acompanhada por práticas religiosas objetivas. A integração entre crença e conduta contribui para que o Islã seja percebido como um sistema coerente e capaz de orientar a vida cotidiana.

Os cinco pilares oferecem ritmo, disciplina e visibilidade à vida religiosa, permitindo que a fé seja incorporada ao cotidiano. A oração realizada em horários determinados organiza o dia do praticante e estabelece momentos regulares de submissão, recordação e devoção. O jejum durante o Ramadã oferece uma experiência coletiva de disciplina, purificação e solidariedade.

A contribuição aos necessitados relaciona fé, responsabilidade social e cuidado comunitário. A peregrinação a Meca, por sua vez, conecta o indivíduo à história da religião e à comunidade islâmica mundial. Essas práticas conferem materialidade à religião. A fé não se limita a convicções internas, mas se manifesta no uso do tempo, na alimentação, no corpo, nas relações sociais e na utilização dos recursos financeiros.

As práticas comunitárias produzem um forte senso de pertencimento. A noção de ummah conecta o indivíduo a uma comunidade religiosa que ultrapassa fronteiras nacionais, étnicas e linguísticas. A oração coletiva, o Ramadã, as festas religiosas, a contribuição aos necessitados e a peregrinação contribuem para a percepção de que o muçulmano participa de uma comunidade global.

Em contextos de instabilidade, deslocamento ou fragmentação social, esse pertencimento pode oferecer identidade, segurança, solidariedade e continuidade. A comunidade religiosa torna-se um espaço de reconhecimento, assistência e integração social. A religião, portanto, não é apenas uma escolha individual. Ela constitui um vínculo coletivo que insere o praticante em uma rede de relações, responsabilidades e práticas compartilhadas.

Outro elemento relevante é a ligação entre religião, família e tradição. Em muitas sociedades, ser muçulmano não corresponde apenas a uma escolha religiosa individual, mas à participação em uma história familiar e comunitária. As festas, os ritos, as relações de parentesco, as normas de comportamento e a memória coletiva encontram-se profundamente associados à religião.

A fé é transmitida entre gerações por meio da convivência familiar, das práticas domésticas, da educação religiosa e da participação na comunidade. Dessa maneira, a continuidade do Islã também representa a continuidade da história e da identidade familiar. Consequentemente, abandonar o Islã pode ser interpretado não apenas como uma mudança de crença, mas como rompimento com a família, com a tradição e com a própria comunidade.

A religião islâmica oferece parâmetros morais relativamente definidos sobre alimentação, sexualidade, família, vestuário, finanças e responsabilidades sociais. Em sociedades marcadas pelo pluralismo e pela instabilidade dos referenciais éticos, essa clareza pode ser percebida como fonte de ordem, continuidade e proteção.

As orientações islâmicas não tratam apenas da relação individual com Deus, mas também das relações familiares, das responsabilidades sociais, da assistência aos necessitados e da conduta comunitária. Em diferentes tradições islâmicas, a *sharia* pode abranger práticas religiosas, relações familiares, condutas sociais e, em determinados contextos, a legislação do Estado. As interpretações e aplicações da *sharia*, entretanto, variam entre países, escolas jurídicas e movimentos teológicos.

Em alguns contextos, surgem tensões relacionadas à liberdade religiosa, à apostasia, à condição das minorias e aos direitos das mulheres. Essas questões devem ser analisadas criticamente, sem atribuir automaticamente ao conjunto dos muçulmanos as políticas adotadas por governos ou movimentos específicos (Schirrmacher, 2020, p. 28-53).

A prática da caridade, a hospitalidade, o cuidado com os necessitados e a valorização da comunidade constituem aspectos reconhecidos positivamente por muitos adeptos. A contribuição religiosa fortalece relações de responsabilidade entre os membros da comunidade e estabelece mecanismos de assistência aos mais vulneráveis.

Além disso, a religião oferece uma narrativa por meio da qual o indivíduo interpreta sua existência, seus deveres, seus sofrimentos e sua esperança futura. Por isso, a compreensão da atratividade do Islã exige que o cristão ultrapasse explicações baseadas somente em imposição, medo ou desconhecimento.

Muitos muçulmanos encontram em sua religião devoção, disciplina, identidade, dignidade, sentido de vida e conexão comunitária. Uma abordagem missiológica responsável precisa compreender essas dimensões antes de apresentar qualquer avaliação ou proposta de diálogo.

APROXIMAÇÕES E DIVERGÊNCIAS ENTRE CRISTIANISMO E ISLÃ

As cosmovisões cristã e islâmica afirmam a existência de um Deus criador e soberano. Ambas rejeitam o politeísmo e reconhecem a responsabilidade moral do ser humano diante de Deus. Entretanto, há diferenças importantes na compreensão da natureza divina. O Islã enfatiza que Deus é único e rejeita qualquer compreensão que possa ser interpretada como associação de outros seres a Deus.

O cristianismo também é monoteísta, mas compreende que o único Deus existe eternamente em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. A doutrina da Trindade não afirma a existência de três deuses, mas a unidade de essência e a distinção pessoal no ser divino. A rejeição islâmica da Trindade demonstra que, embora as duas religiões utilizem a linguagem do monoteísmo, atribuem significados diferentes à identidade e à natureza de Deus.

O Islã atribui importância singular a Jesus, reconhecendo seu nascimento virginal, seus milagres e sua condição de Messias e profeta. Esses elementos constituem pontos de aproximação com o cristianismo. Entretanto, não excluem profundas diferenças quanto à identidade e à obra de Jesus Cristo.

No Islã, Jesus é considerado um importante profeta e mensageiro de Deus, mas sua divindade e filiação divina não são aceitas. Mubarak (2014, p. 17) explica que a dificuldade islâmica em aceitar a filiação divina de Cristo está relacionada à compreensão concreta da expressão “Filho de Deus”. Para muitos muçulmanos, essa linguagem poderia sugerir uma relação física entre Deus e Maria, interpretação considerada blasfema pelo Islã.

A interpretação islâmica predominante também não reconhece a crucificação de Jesus da maneira testemunhada pelo Novo Testamento. Conforme Martin (1992, p. 52 apud Fries; Zuehl, 2022, p. 89), os muçulmanos respeitam Jesus e aguardam sua segunda vinda, mas não aceitam que ele tenha morrido na cruz. Embora cristãos e muçulmanos utilizem alguns termos e personagens comuns, o conteúdo teológico atribuído a eles é significativamente distinto.

A compreensão da revelação apresenta diferenças importantes entre cristianismo e Islã. Para os muçulmanos, o Alcorão é a revelação final comunicada a Maomé e constitui a principal referência normativa para a fé e a prática. A Suna, preservada nos relatos sobre a vida e os ensinamentos de Maomé, também desempenha papel relevante na formação da tradição islâmica.

Para o cristianismo, por sua vez, a revelação bíblica encontra seu centro e cumprimento em Jesus Cristo. A autoridade cristã não se fundamenta em uma revelação posterior que substitua o evangelho, mas no testemunho profético e apostólico registrado nas Escrituras. Os muçulmanos reconhecem alguns textos e personagens bíblicos, mas compreendem o Alcorão como a revelação definitiva e normativa.

Há também diferenças na compreensão da salvação. No Islã, fé, submissão, arrependimento, boas obras e obediência ocupam lugar central, embora a misericórdia de Deus também seja considerada indispensável. Na fé cristã, a reconciliação com Deus decorre da graça, recebida mediante a fé na obra redentora de Jesus Cristo. As boas obras não constituem a causa da salvação, mas seu resultado na vida daquele que foi alcançado pela graça. A divergência não se resume, portanto, a uma oposição simplista entre obras e fé. Ela envolve compreensões diferentes sobre pecado, graça, mediação, perdão, cruz, ressurreição e segurança da salvação.

As cosmovisões cristã e islâmica apresentam pontos de aproximação. Ambas afirmam a existência de um Deus criador, reconhecem personagens como Abraão, Moisés e Davi, valorizam a oração, a caridade, o juízo final e a responsabilidade moral do ser humano. O Islã também atribui importância singular a Jesus. Essas aproximações podem favorecer o diálogo, entretanto não significam que as duas cosmovisões possuam o mesmo conteúdo teológico.

Os pontos de contato devem funcionar como início da conversa, e não como evidência de que as religiões são essencialmente iguais. O diálogo responsável identifica os significados atribuídos aos termos compartilhados e esclarece progressivamente as diferenças, especialmente quanto à natureza de Deus, à identidade de Jesus Cristo, à revelação e à salvação.

IMPLICAÇÕES PARA UMA ABORDAGEM MISSIONÁRIA CRISTÃ

A abordagem missionária cristã entre muçulmanos deve começar pelo reconhecimento de que eles são pessoas criadas à imagem de Deus e, portanto, devem ser tratados com dignidade, amor e respeito. O objetivo da missão cristã é testemunhar acerca de Jesus Cristo por meio de palavras, relacionamentos e ações coerentes com o evangelho. Sendo assim, a missão não pode ser orientada por hostilidade cultural, preconceito étnico ou associação automática entre muçulmanos e terrorismo.

Neste artigo, compreende-se por “abordagem missionária cristã” o conjunto de princípios, atitudes e práticas envolvidos no testemunho cristão entre muçulmanos, abrangendo proclamação, relacionamento, hospitalidade, serviço, contextualização, discipulado, cuidado pastoral e respeito à liberdade religiosa.

A presença islâmica na Indonésia, no Irã, na Turquia, na Nigéria, no Paquistão ou no Brasil manifesta-se de maneiras distintas. A história, a língua, a estrutura familiar, a corrente teológica predominante e o grau de liberdade religiosa interferem diretamente na forma como o evangelho pode ser comunicado.

Uma estratégia genérica, construída a partir da imagem do “muçulmano árabe”, desconsidera que a maior parte dos muçulmanos vive fora do mundo árabe. Por isso, a abordagem missionária exige conhecimento da religião islâmica e do contexto específico no qual o muçulmano está inserido. A diversidade interna do Islã torna inadequada qualquer estratégia única ou generalizante.

A aproximação ao seguidor do Islã deve ocorrer por meio do relacionamento. A hospitalidade, a escuta, a amizade e a convivência permitem que o cristão conheça as perguntas, experiências e expectativas do interlocutor. Em culturas marcadas por relações comunitárias, a credibilidade da mensagem está profundamente associada à vida e ao caráter do mensageiro.

Por isso, o testemunho cristão precisa demonstrar verdade, humildade, fidelidade, compaixão e disposição para servir. A compreensão da atratividade comunitária do Islã demonstra que uma abordagem exclusivamente argumentativa pode ser insuficiente. O muçulmano não se relaciona apenas com um sistema de crenças, mas com uma comunidade, uma história familiar e um modo de vida. A missão cristã precisa, portanto, estabelecer relações concretas e duradouras, nas quais o interlocutor seja respeitado como pessoa e não tratado apenas como objeto de evangelização.

Há pontos de contato que podem favorecer o diálogo, como a crença em Deus, a referência aos profetas, a importância da oração, o juízo final e a pessoa de Jesus. Esses pontos, entretanto, devem funcionar como início da conversa, e não como evidência de que as duas cosmovisões são essencialmente iguais.

O diálogo responsável identifica os significados atribuídos aos termos comuns e esclarece progressivamente as diferenças. Fries e Zuehl (2022, p. 91-92) destacam que muitos praticantes do Islã conhecem personagens e partes da Bíblia. Diante disso, os cristãos precisam possuir conhecimento profundo das Escrituras, especialmente para apresentar quem é Jesus Cristo.

A mensagem missionária deve ser cristocêntrica. Mais do que apresentar o cristianismo como sistema religioso ou expressão cultural ocidental, é necessário apresentar o Jesus testemunhado nas Escrituras: sua encarnação, seus ensinamentos, sua compaixão, sua morte, sua ressurreição e seu senhorio. Mubarak (2023, p. 19-28) argumenta que o muçulmano precisa encontrar-se com Jesus, e não apenas com uma representação institucional ou cultural do cristianismo.

Relatos de sonhos e visões relacionados a Jesus também aparecem em testemunhos de pessoas provenientes de contextos islâmicos. Essas experiências não devem ser descartadas precipitadamente, mas precisam ser avaliadas à luz das Escrituras. Martyn (2018, p. 55-74) conclui que tais experiências geralmente desempenham uma função preparatória ou confirmatória, não substituindo o contato com a Bíblia, a proclamação do evangelho e o testemunho de cristãos.

A contextualização é indispensável, mas não pode alterar o conteúdo essencial do evangelho. Formas culturais, linguagem, música, alimentação, vestuário e estilos comunitários podem ser preservados sempre que não contradigam as Escrituras. Entretanto, conceitos centrais, como a identidade divina de Cristo, a cruz, a ressurreição, a graça e a autoridade bíblica, não devem ser ocultados para tornar a mensagem mais aceitável.

A fidelidade bíblica é compreendida como o compromisso com a autoridade das Escrituras, a centralidade de Jesus Cristo e a integridade do conteúdo do evangelho, particularmente quanto à encarnação, à morte, à ressurreição, ao senhorio de Cristo, à graça e à reconciliação com Deus.

A contextualização saudável aproxima a comunicação do contexto do ouvinte; o sincretismo modifica o conteúdo da fé. A sensibilidade cultural também exige que o missionário compreenda a maneira como o interlocutor interpreta conceitos cristãos. Sendo assim, neste artigo, a sensibilidade cultural corresponde à disposição de compreender as referências religiosas, familiares, sociais e culturais do interlocutor, comunicando o evangelho de maneira contextualizada e respeitosa, sem generalizações, coerção, hostilidade ou imposição de formas culturais estranhas ao contexto.

Expressões como “Filho de Deus”, por exemplo, podem ser compreendidas a partir de categorias diferentes daquelas utilizadas pela teologia cristã. Isso exige clareza, paciência e capacidade de explicar o conteúdo bíblico sem depender exclusivamente de fórmulas religiosas que possam ser mal compreendidas.

A abordagem missionária precisa considerar as consequências sociais de uma eventual conversão. Em determinados contextos, uma pessoa que decide seguir a Cristo pode enfrentar rejeição familiar, perda de vínculos, desemprego, violência ou perseguição. Por isso, a evangelização deve ser acompanhada por discipulado consistente, inserção comunitária, cuidado pastoral, proteção e apoio integral.

Levar uma pessoa a uma decisão sem ajudá-la a compreender e enfrentar as consequências dessa decisão constitui uma prática irresponsável. A compreensão dos fatores de atratividade do Islã demonstra que uma mudança religiosa pode representar também uma transformação na identidade, nas relações familiares e no pertencimento comunitário. Assim, a comunidade cristã precisa estar preparada para oferecer acolhimento, amizade, discipulado e uma nova rede de pertencimento.

A missão cristã deve respeitar a liberdade religiosa e rejeitar qualquer forma de coerção, manipulação, vantagem material condicionada à conversão ou desrespeito aos símbolos religiosos. A assistência humanitária e o serviço ao próximo não podem ser utilizados como instrumentos de pressão. O testemunho cristão deve ser apresentado com clareza e mansidão, permitindo que o interlocutor reflita e responda livremente.

A defesa da liberdade para anunciar o evangelho deve estar acompanhada da defesa da liberdade do muçulmano para professar e praticar sua própria religião. Fries e Zuehl (2022, p. 91-93) destacam como princípios relevantes para o trabalho entre muçulmanos o conhecimento profundo da Bíblia, o conhecimento da crença islâmica, a vida com Deus e o conhecimento de iniciativas missionárias já existentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão dos fatores de atratividade do Islã permite reconhecer que a religião não se sustenta apenas em afirmações doutrinárias. Ela constitui uma cosmovisão e um modo de vida por meio dos quais os adeptos encontram disciplina religiosa, pertencimento comunitário, identidade familiar, orientação moral, dignidade e sentido de vida. Essa constatação possui implicações diretas para a abordagem missionária cristã. Uma prática voltada exclusivamente à refutação de doutrinas corre o risco de ignorar os vínculos sociais, culturais, familiares e afetivos relacionados à experiência religiosa muçulmana.

Ao mesmo tempo, a sensibilidade cultural não exige o abandono das convicções cristãs. Uma abordagem missionária biblicamente fiel deve preservar a centralidade de Jesus Cristo, sua encarnação, morte, ressurreição e senhorio, bem como a mensagem da graça e da reconciliação com Deus. A fidelidade bíblica, entretanto, não deve ser confundida com agressividade, hostilidade

cultural ou desrespeito religioso. O testemunho cristão precisa ser desenvolvido por meio de relacionamento, hospitalidade, escuta, serviço, conhecimento contextual e compromisso com a dignidade do interlocutor.

A contextualização contribui para tornar a comunicação compreensível, desde que não altere o conteúdo essencial do evangelho. O discipulado, por sua vez, precisa considerar que uma decisão de seguir a Cristo pode produzir rupturas familiares, comunitárias e identitárias, exigindo acolhimento, cuidado pastoral, proteção e uma nova comunidade de pertencimento.

Dessa forma, a abordagem missiológica adequada combina fidelidade bíblica, sensibilidade cultural, relacionamento, serviço, contextualização criteriosa, discipulado e compromisso com a liberdade religiosa. Ela não omite as divergências entre cristianismo e Islã, mas as trata dentro de uma relação marcada pelo amor ao próximo e pelo testemunho coerente de Jesus Cristo.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS NETO, Antonio Augusto Machado de. A origem do islã, o universo muçulmano, Alcorão e a châr'ia. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 115, p. 21–46, jan./dez. 2020. Disponível em: https://revistas.usp.br/rfdusp/pt_BR/article/view/189347. Acesso em: 22 maio 2026.
- DIAS, R. Uma igreja missional para o contexto muçulmano da Indonésia. **Revista de Reflexão Missiológica**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 91–101, 2021. Disponível em: <https://periodico.reflexaomissologica.com.br/index.php/revista/article/view/11>. Acesso em: 22 maio 2026.
- FRIES, Evelyn Karina Pereira; ZUEHL, Daniel Miotto. Islamismo: origem, conceitos e a atitude cristã frente a esta religião. **Ensaios Teológicos**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 82–95, jun. 2022. Disponível em: <https://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/ensaios/article/view/519>. Acesso em: 22 maio 2026.
- GAMBA, R. F. D. T. de. Pontos de diálogo com as cosmovisões cristã e islâmica na formação teológica. **Revista de Reflexão Missiológica**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 38–47, 2021. Disponível em: <https://periodico.reflexaomissologica.com.br/index.php/revista/article/view/5>. Acesso em: 22 maio 2026.
- HACKETT, Conrad. **Islam was the world's fastest-growing religion from 2010 to 2020**. Pew Research Center, 10 jun. 2025a. DOI: 10.58094/yy8g-2490. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/short-reads/2025/06/10/islam-was-the-worlds-fastest-growing-religion-from-2010-to-2020/>. Acesso em: 8 maio 2026.
- HACKETT, Conrad. **Many religions are heavily concentrated in a few countries**. Pew Research Center, 8 dez. 2025b. DOI: 10.58094/cxqn-2j55. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/short-reads/2025/12/08/many-religions-heavily-concentrated-in-one-or-two-countries/>. Acesso em: 8 maio 2026.
- MARTYN, Sam. Role of pre-conversion dreams and visions in Islamic contexts: an examination of the evidence. **Southeastern Theological Review**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 57–70, 2018. Disponível em: https://www.sebts.edu/wp-content/uploads/2023/06/STRIssue9.2_Martyn.pdf. Acesso em: 22 maio 2026.
- MUBARAK, Caleb. Cumprindo a Missio Dei entre comunidades muçulmanas. **Revista de Reflexão Missiológica**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 19–28, 2023. DOI: 10.29327/2208571.2.3-1. Disponível em: <https://periodico.reflexaomissologica.com.br/index.php/revista/article/view/33>. Acesso em: 22 maio 2026.
- MUBARAK, Caleb. **Introdução ao islamismo**. Tradução de Hellen Ramiro de Araújo. Rio de Janeiro: Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira, 2014. Disponível em: <https://missoesmundiais.com.br/attachments/article/245/2.%20Introducao-ao-Islamismo.pdf>. Acesso em: 22 maio 2026.
- SCHIRRMACHER, Christine. **Islam and democracy: can they be reconciled?** Bonn: Verlag für Kultur und Wissenschaft, 2020.